



Figura 74 – Casa, comércio, religião



Figura 75 – Comércio religioso

9 AMBIGÜIDADES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO

Com quantos quilos de medo, com quanto quilos de medo, se faz uma tradição?
(Tom Zé).

Ao final, de volta ao começo, quando nos perguntava, utilizando as palavras de Debray: “De que maneira, por meio de quais estratégias e sob quais restrições, a humanidade consegue transmitir as crenças, valores e doutrinas que tem produzido nas diferentes épocas da história?”. Dito de outro modo, quais as tecnologias de transmissão cultural que conseguem ser eficazes no legado daquilo que se quer fazer durar? Foram essas questões que delinearam alguns nódulos interpretativos que nos orientaram durante toda a escritura do texto como *resultado* da pesquisa.

Partimos do princípio de que a **transmissão** (de crenças, valores e doutrinas) é o *para quê* da autêntica ação educativa. É a possibilidade da transmissão de uma geração para outra que diferencia o homem dos outros seres vivos como construtor de *cultura*. “Ele inventa-se na medida em que faz estoque”, como disse Debray (2000, p. 91).

Vimos uma série de artifícios por meio dos quais a Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri é um *empreendimento de transmissão*. Dos artifícios de transmissão utilizados pela Fundação, o que mais nos intrigou, foi sua estratégia de **mútua determinação do mito e do contrato, do sagrado e do profano** na intrincada rede semântica que ganha corpo no envolvimento dos meninos e meninas. Ao invés da Fundação optar pelo mito *ou* pelo contrato como fundamento dos vínculos comunitários que ali se estabelecem, ela soube implicar a “imagem de mundo” contida na mitologia Kariri para ordenar o aprendizado coletivo na organização dos sistemas de ação de uma organização secularizada (do “terceiro setor”) através dos valores subjacentes inspirados no *mundo sagrado* dos índios. Desse modo,

as ações ali desempenhadas ganham um caráter **universalista**, devido à **relação com a transcendência** que faz com que as ações individuais e coletivas ganhem sentido para além da finalidade imediata onde se esgotam. Se concordarmos com um desenvolvimento histórico da humanidade que parte de um universo sagrado, habitado pelos deuses, pelo mágico, pelo extra-ordinário, e que chega a um “mundo racionalizado, material, manipulado pela técnica e pela ciência” (BARBOSA; QUINTANEIRO, 2002, p. 132), haveremos de afirmar que, no caso da Fundação, ainda não se presenciou a sobreposição do conhecimento científico e das formas de organização racionais e burocratizadas **sobre** o “reino transcendental da vida mística”. As TICS, por exemplo, são como que encantadas e submetidas ao “corpo do médium”, e não apenas utilizadas como valor instrumental de inserção das crianças e jovens na sociedade contemporânea. Dito de outra forma, a tecnologia de transmissão cultural da Fundação utiliza um **suporte espiritual** para doar sentido ao uso das diversas mídias.

Na Casa Grande **convivem o sagrado e o profano**: aquele como fundamento cosmogônico que *doa sentido* às ações ali realizadas; este como instituição de uma ordem coletiva de tipo secularizado (uma organização não-governamental), que é a própria atualização da ordem cósmica que o fundamento pressupõe. E é nessa “equilibração” entre o místico e o laicizado, que se encontra a bem-aventurança da Fundação. O “segredo” é não se deixar engolir pela lógica férrea da institucionalização racional, cultivando frestas de impossíveis aos mistérios e aos intangíveis. Se a Fundação Casa Grande tem tanta força entre seus membros, é que ela é uma **fundação cósmica contra os ruídos do caos**, para que as forças da cultura resistam à desintegração e ao nada, protegendo suas forças germinativas em favor de uma Obra. Eis o seu perigo e a sua “salvação”: ao mesmo tempo em que proteger do caos dá segurança e propicia a sensação do mundo como uma casa, é através do *caos* que advêm as forças instituintes que realimentam as origens permitindo a duração do que foi transmitido.

Observamos participativamente a Casa Grande e nossa percepção-interpretada nos fizeram concluir momentaneamente que a Fundação passa por um **momento de transição**: as crianças que entraram com seus três quatro anos de idade, e que hoje a gerenciam, estão se perguntando acerca do futuro. Eles estão começando a prestar vestibular e tendo aumentadas responsabilidades quanto ao próprio sustento material e, em muitos casos, também o de sua família. O que ouvi de alguns jovens da Casa Grande se assemelha com a sensação descrita por Beckett acerca de Proust quando, tratando do Hábito, aponta os delicados momentos em que se é como que jogado ao desconhecido, lá onde o Hábito não alcança e o sujeito não tem garantias se suas forças serão suficientes para os desafiantes mistérios que o espreitam.

Os períodos de transição que separam adaptações consecutivas (já que nenhum expediente macabro de transubstanciação poderá transformar as mortalhas em fraldas) representam as zonas de risco na vida do indivíduo, precárias, perigosas, dolorosas, misteriosas e férteis, quando por instante o tédio de viver é substituído pelo sofrimento de ser. (BECKETT, 2003, p. 18).

Qual o “resultado” de anos de convivência sob a arquitetura do tempo fundacional? Alguns já deixaram a Fundação, “pela porta de trás”, como disse alguém. Talvez porque a Fundação não tenha uma forma de manter o vínculo (institucional) com os que saem, desdobrando profissionalmente aptidões ali criadas, por exemplo. Ou se está menino da Casa Grande e se submete às necessidades do momento atual, ou deixa de ser, pelo menos oficialmente, menino da Casa Grande, entrega o uniforme e vai viver sua vida. Ainda que, num outro sentido, nunca deixe de ser menino da Casa Grande, não faz mais parte daquele “mundim”. Não seria importante um **ritual de passagem** para a vida adulta, que, para muitos deles, irá se confundir com a saída da Fundação?

Outra questão relacionada é a diferença de implicação entre os mais velhos e os mais jovens, não como uma questão de maturidade (no sentido de comportamento), mas como uma diferença qualitativa no envolvimento. Os jovens que chegaram quando a Fundação já havia passado pelo *grosso* da fase de afinação, aqueles que não viram os equipamentos chegarem e

não viveram na época “precária” das poucas posses e de nenhuma visibilidade, não demonstram o mesmo empenho daqueles que viram a Fundação nascer, ou melhor, daqueles que foram *a causa* da invenção da Fundação como “escola de comunicação”. O que observamos no momento em que fizemos a pesquisa é que os mais velhos encontram um **sentido mais fundamentado** que os mais jovens, pois fizeram a Casa Grande ser o que ela é hoje. Estão aqui desde o tempo em que não havia nada, isto é, em que os recursos, os equipamentos, a estrutura, eram mínimos. Os mais velhos encontram um sentido como que mais “profundo” e uma implicação mais “autêntica” que os mais novos. Talvez por terem visto um “vazio” ser preenchido (isto é, a constituição paulatina da Fundação no decorrer desses 12 anos), e portanto têm mais elementos para compreender a lógica das operações de mediação e restrição que forjaram esse dispositivo de transmissão cultural. O risco é a Fundação cristalizar seus funcionamentos de rotina e deixar um espaço exíguo para os mais novos, que só deverão fazer com que a coisa continue funcionando, sendo que eles também já funcionam a partir de algo que os antecedeu. Pensamos como sugestão numa espécie de “programa vazio” onde, guardado a filosofia e os valores, a convivência (como método) e a disciplina, o resto seria preenchido pelos membros. Pode-se perguntar: resguardando a filosofia, os valores, a convivência e a disciplina, o que sobra? Sobram o *conteúdo* do investimento desejante, isto é, aquilo que irá preencher a deriva estético-política de cada um em sua busca por uma auto-determinação na Vida, isto é, aquilo que pode investir de sentido o envolvimento com a Fundação e o reconhecimento social daí advindo para além de sua vinculação com a instituição. Por exemplo, quando saímos de uma organização para outra, por falta de escolha, para que o sentimento de descartabilidade não se debata sobre nós é preciso que guardemos algo de nós que permanece como **nossa força**, como aquilo que, independente de um contexto específico, podemos acreditar como um **valor pessoal**. Na Casa Grande a identificação dos meninos e meninas com a Fundação, e com a figura de Alembert,

parece ofuscar o brilho próprio que cada um poderia cultivar. Talvez também por isso a sensação de sair “pela porta de trás”, quer dizer, a sensação de não haver sido **reconhecido** pelo mestre, estando este mais em foco do que o próprio caminho singular daquele que deixa a Casa Grande.

Em alguns casos, a disciplina bem inculcada nas meninas e meninos da Fundação tolhe o que poderia haver de irracional (no sentido daquilo que foge à racionalidade vigente), de aparente delírio necessário aos movimentos instituintes. Lembro, por exemplo, Alemberg contando como foi que surgiu a idéia de como seria o Teatro Violeta Arraes: ele saiu de moto pelo sertão adentro, esperando que o sertão lhe dissesse como deveriam ser as formas adequadas àquele empreendimento. Ou seja, um movimento de “fuga” como desencadeador de uma **imaginação** que se põe em prática, posteriormente, de modo planejado, isto é, com uma racionalidade disciplinada a um fim. Do ponto de vista dos meninos e meninas, onde estão seus “delírios”? Onde estão seus “movimentos de fuga”? É claro que existem, mas, agora do ponto de vista da Fundação: são os delírios e os movimentos de fuga aceitáveis e incorporados na Casa Grande como elementos revitalizadores do que foi instituído, de sua tradição? Nesse sentido, há uma especificidade “trágica” no trajeto da transmissão que vale a pena trazer à tona.

[...] o resultado de um processo de transmissão não tem os caracteres da mensagem inicial. Para fazer crescer uma idéia, seja ela qual for, importa começar por alterá-la, ou deformá-la, para reformá-la de uma forma diferente [...] Do mesmo modo que herdar não é receber (mas joear, reativar, refundir), assim também transmitir não é transferir (uma coisa de um para outro ponto). Mas sim reinventar, portanto, alterar. Por quê? Porque a informação transmitida não é independente de seu duplo médium, técnico e orgânico, e ainda mais do segundo do que do primeiro. (DEBRAY, 2000, p. 43).

Quer dizer, do ponto de vista do “grande sujeito”, a Fundação, a cristalização de uma forma à qual **todos** devem se conformar, independentemente de suas particularidades, ao tempo em que ameniza “desigualdades de poder” que podem ser prejudiciais ao grupo, e alinha os membros numa direção comum, pode também barrar singularidades e expulsar

devires minoritários que por ventura poderiam surgir entre esses “pequenos sujeitos”. Lembremos que a própria Fundação guarda a riqueza de seu trajeto no modo como soube operar pacientemente um **tempo de afinção**, articulando os desejos de seus fundadores, com as especificidades locais, e o *tempo da infância*. A certa altura das conversas que tivemos, Alemberg apontou para o *tempo das brincadeiras*, que surgem do “nada”, de uma inesperada e imprevisível conjunção de fatores que levam as crianças a, aparentemente sem mais nem menos, começarem um folguedo. Conversei com algumas crianças sobre isso, perguntando-lhes como surgiam as brincadeiras. Responderam: “alguém vem com as bilas, aí chama outro, aí de repente tá todo mundo brincando”. Como nasceu a idéia na cabeça daquele que convida os demais? Que *deriva* aconteceu naquele sujeito até formular uma idéia que pudesse ter a determinação e a auto-confiança de ser compartilhada? Como se *crê* na própria idéia, ela própria fruto de um *tempo livre*? Lembro Tom Zé: “Nos próximos dias eu tropeçaria *casualmente* (grifo nosso) num método e numa base teórica para a cantoria que começou a tomar corpo e crescer na *minha determinação* (grifo nosso)” (2003, p. 20). E se a idéia não for brincadeira, for *coisa séria*? A “escola de comunicação” começou através do interesse das próprias crianças, que tiveram a coragem de dizer, por exemplo: a gente *quer* uma câmera. E foi acompanhando esses e outros quereres que Alemberg e Rosiane souberam, através dessas figuras que traçam tendências, segundo os acontecimentos, irem moldando o *corpo* da Fundação. Está a Fundação disponível para incorporar novas tendências ainda agora que, após múltiplas idas-e-voltas, ganhou alguma sedimentação e vem consolidando a identidade de um grupo estável? Rosiane me disse certa vez, parafraseando Alemberg: “a pedagogia da Casa Grande é inspirada na infância”. Em qual *tipo* de infância estaria a Fundação ancorando suas expectativas?

Era na pedagogia que os filantropos punham à prova o seu grande programa de remodelação da humanidade. Se o homem é por natureza piedoso, bom e sociável, deve ser possível fazer da criança, ente natural por excelência, um ser supremamente piedoso, bom e sociável.[...] A criança exige dos adultos explicações claras e inteligíveis, mas não explicações infantis, e muito

menos as que os adultos concebem como tais. A criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas [...]. (BENJAMIN, 1994, p. 236, 237).

Em “Antropologia do dom: o terceiro paradigma”, Alain Caillé pergunta: pode-se dar alguma coisa sem impor nenhuma condição? Pode-se conceber alguma coisa como um dom gratuito? (CAILLÉ, 2002, p. 106). Foi uma questão que também persistiu enquanto estive na Casa Grande, quando observava todo aquele tempo preenchido pela ausência de falta de sentido, e a força “livre” das crianças e jovens sendo dobrada numa série de micro-realizações cotidianas que efetuam o projeto Casa Grande e a efetiva como uma realidade objetiva. Novamente a questão do envolvimento como sendo produto de algo “de fundo”, quiçá uma causa não-utilitarista que pudesse afagar minhas fantasias, insistia em me motivar à busca do fundante originário daquele cotidiano.

Para meu hábito condicionalista, acostumado a viver num paradigma social do qual tudo parece depender de, no mínimo, uma troca; onde as pessoas são tomadas, logo de saída, como partes disjuntivas às quais algo deve compensar; num mundo de perde/ganha em que jogar significa, para muitos, jogar para ganhar; ficava difícil reconhecer aquele cotidiano obreiro como fruto apenas da gratuidade.

Entretanto, diz Caillé, “se o dom não é gratuito, deixa de ser dom, não existe, e [...] é esta gratuidade, considerada entretanto, impossível, inconcebível, que se deve a todo custo procurar alcançar”. (CAILLÉ, 2002, p. 106).

Então, como atravessar o paradoxo que faz de algo gratuito *necessário*?

Não há meio termo: confiar inteiramente... e entregar tudo. Eis o que seria a incondicionalidade. Mas essa incondicionalidade não tem nada a ver com o amor, a paz espontânea ou a gratuidade. Ela não é de jeito algum incondicional, dado que se exerce e se desenvolve a partir da ameaça constante de poder soçobrar a qualquer momento no registro da guerra e da desconfiança incondicional. E então – continua Marcel Mauss – não há escolha. (CAILLÉ, 2002, p. 118).

No entanto, a aliança, qualquer que seja, inclusive a condicional, isto é, mesmo aquela na qual importa ganhar algo em troca, tem, por hipótese, um fundo incondicional.

Antes de mais nada, e por hipótese, quase por tautologia, deve-se observar que o vínculo social – chamado também de aliança, estar-juntos em vez de viver em separado, confiança – não pode ser gerado a não ser com uma dimensão de *aposta* incondicional, a não ser com um *salto no desconhecido* [...]. Só depois de ter afirmado de maneira incondicional o fato do viver-juntos, um em companhia do outro e não um contra o outro, como aliados e não como inimigos, é que se pode começar a discutir os termos da aliança, e no quadro desta, no quadro de uma incondicionalidade primeira, cada um pode, se quiser, e na medida dos seus meios, tentar apropriar-se de uma parte dos benefícios que nascem do próprio fato da aliança. É aqui, e somente aqui, que cada um começa a pôr suas condições. (CAILLÉ, 2002, p. 119, 121).

Certa feita, conversando com Alexandre e mostrando o quanto me intrigava o envolvimento dele com a Fundação, e me perguntando em voz alta acerca das motivações dos meninos e meninas, ele ocupado com minhas preocupações num dado momento disse: “A gente tá aqui pra ter uma experiência”. Ora, para se ter uma experiência basta estar vivo! O que a resposta de Alexandre afirma, e que não é tão óbvio, é a necessária subordinação dos interesses instrumentais (funcionais, utilitários etc.) aos interesses de fundo, ao interesse (se é que ainda se pode chamar assim) primordial, que é o de se constituir na expressão de sua potência. Antes de produzir ou de se reproduzir, é necessário primeiramente produzir-se tal como se é. E esse interesse na existência, esse interesse em produzir-se e manifestar-se tal como se é, que é também um interesse em ser reconhecido por outros seus “iguais”, é tudo menos um interesse instrumental. Como tal, o **interesse em existir** é perfeitamente incondicional.

Alguém ter-me dito “ninguém sai da Casa Grande pela porta da frente” também poderia mostrar a dívida permanente que se sente mesmo ao sair da Fundação, pelo menos sob dois aspectos: na forma de **gratidão** pelo reconhecimento de uma experiência significativa para toda a vida; ou como **ressentimento** pela impossibilidade em aliar seus interesses, seu *momento*, com os da instituição-Fundação, sentindo que algo maior os pode suprimir a qualquer momento e os tornar descartáveis para a instituição. Isso aponta e dar a

pensar um limite do paradigma do dom no que concerne à *incondicionalidade condicional* que fundamenta os vínculos.

E isto [a incondicionalidade da aliança] só é possível na medida em que *cada parceiro continua livre e se mostra efetivamente capaz de sair da aliança com toda a perfeição*. Confiei sem reservas. Mas se eu acredito que minha confiança foi traída, ou não recebe a devida compensação, posso a qualquer instante retomá-la e novamente soçobrar na desconfiança. (CAILLÉ, 2002, p. 121).

Ora, aqui se pressupõe uma liberdade para se desvincular, para abandonar a aliança, como se esta fosse apenas resultado de uma vontade e de uma escolha, como se não houvesse a possibilidade de um comprometimento “até o pescoço” - ainda que falte a confiança – a tal ponto que o indivíduo pode se ver esvaziado do próprio sentido da existência ao abandonar a aliança.

Há uma diversidade de sentimentos, e de opiniões, atualmente, acerca da Casa Grande. Alguns acham que tudo está como deve ser, que Alemberg está correto na maneira como conduz as coisas; já outros acham que, por exemplo, falta tempo para fazer coisas importantes (como a finalização da produção audiovisual), pois ficam muito atarefados com a manutenção da Fundação; outros acham que Alemberg é muito exigente e que não se preocupa com os contextos de vida de cada menino ou menina; outros têm saudade de quando Alemberg “perdia” mais tempo com eles na Fundação, contando casos; outros acham que a Fundação cresceu demais e agora está muito ocupada com os de fora...

[...] tava conversando até com Jévina agora há pouco, agorinha mesmo quando ela entrou na rádio, ela mesmo chegou com esse assunto e eu fiquei pensando que eu também. Às vezes a gente sente falta, daquela é, é, da alegria que a gente sentia de ter a Casa Grande. Mas não era por ter todo esse equipamento aqui que a gente tem, de última geração e tudo mais. Às vezes eu sinto falta da alegria que a gente sentia quando tinha só a Casa Grande, só aquilo ali [apontando para o Memorial] e uma amplificadora véia pendurada em cima da casa, quatro, quatro cornetas ali, o amplificador ali embaixo... Eu sinto falta disso. Eu acho que, mas ela assim, no sentido de organização melhorou muito, mas eu acho que a mudança maior da Casa Grande não foi esse equipamento todo que a gente tem aqui não, como muita gente que chega aqui e fala: “Ai, nossa, vocês tão com esse teatro, noossa, vocês tão com isso, noossa, ai meu deus”. Juntando tudo isso que tem aqui nessa parte de baixo, num compra, acho que não compra a alegria que eu tinha quando era só aquela casa ali. Eu sinto falta. [O que era?] Eu

não sei, as coisas eram mais simples, acho que era tudo mais fácil, eu não sei explicar não, mas eu me sentia mais feliz, eu fui mais feliz. Eu acho que a Casa Grande ficou tão assim, apagou, sabia? Depois disso aqui, pra mim não, mas pra muita gente, ela ficou mais apagada [...] Sei lá, era uma alegria assim que hoje em dia eu não sinto só aqui embaixo, eu não sei te explicar não, é sério, eu só sei sentir [...] [Saudade da infância ou da Casa Grande?] Tudo era tão importante pra gente aqui, ave Maria, era... Sei lá, homem, acho que era melhor do que minha casa, eu me sentia melhor do que em casa. (informação verbal⁸³).

Não há uma unidade de sentimentos, ainda que haja uma implicação generalizada, que varia em graus a depender do sentimento que se guarda em relação à Fundação.

A Casa Grande ela é uma só, mas cada menino desse é uma Casa Grande. Então tem meninos que talvez isso aqui nem vá influenciar na vida deles. Tem outros que já vai influenciar. Tem uns que influencia de uma forma, tem outros que influencia de outra, cada um vai ter um pedaço do que foi a Casa Grande. Na realidade a Casa Grande vai ser o quê? Vai ser um quebra-cabeça todos esses pedaços. Pegando assim um e outro é que vem mais ou menos ter uma idéia do que foi a Casa Grande, do que foi esse período, as coisas. (informação verbal⁸⁴).

Por sua vez se conseguiu, graças principalmente ao trabalho imaterial de Alemberg e Rosiane, um pensamento que integra as diversas simpatias e pontos de vista, e se propaga como uma figuração institucional, uma mitologia originária e um discurso imaginativo capazes de transformar a coleção de histórias acerca da Casa Grande num todo, para os de dentro e para os de fora. Tal *todo imaginado* se propaga, flutua e espoca além da Fundação, nos visitantes, parceiros e financiadores, que acabam sendo co-responsáveis na construção e sedimentação dessas imaginações, pois, o fato de existirem como admiradores da Fundação implica que esperam algo dela: respostas e caminhos. Sentindo-se na “obrigação” e no desafio de “responder”, sob pena de perder o encanto, é que se corrobora com a idéia da necessidade de unidade do discurso institucional, ainda que se torne invisível, para um observador apressado, toda espécie de *oscilitudes*, isto é, as mais sutis variações cotidianas que (re)vitalizam uma enunciação prática das características institucionais fundadas, não apenas nas regras contratuais, assim como na **aposta da confiança** que pressupõe os vínculos

⁸³ Samara.

⁸⁴ Alemberg.

comunitários.

Com a sedimentação da figuração institucional a Fundação muitas vezes é vista por seus membros como algo transcendente, mesmo por aqueles que estão desde a origem. No dia-a-dia observa-se uma tensão superficial que é responsável pela obediência, incluindo ameaças de uns para com os outros: “Vou contar pra Alemberg”. O compromisso em aprender e se tornar útil à Fundação é um compromisso que se contrai coletivamente, e no dia-a-dia a lembrança do compromisso, incorporada ao corpo institucional, se dá entre os próprios meninos e meninas, como auto-regulação comunitária, através da imaginação de uma pessoa moral onisciente (introjetada), que inspira, ao mesmo tempo, medo e admiração⁸⁵.

O medo e a admiração circundam os meninos e meninas da Casa Grande tanto mais se identificam com ela: quanto maior a admiração - que acaba sendo uma admiração encarnada no *mestre* -, maior o medo. Como uma disciplina interiorizada na experiência cotidiana, o medo e a admiração parecem ser, na maior parte do tempo, vividos como mantenedores daquele mundo, isto é, do próprio cotidiano que atravessa aquele *cosmos*. Dito de outro modo, para evitarmos o risco de sermos demasiadamente parciais, ou “românticos”: a cristalização da figuração institucional tem um duplo efeito: é causa de uma sensação de coerção e impotência (efeito despotencializante para alguns); e é o fundamento de um mundo, corrobora com uma cosmogonia (criação do mundo), que propicia segurança e tranqüilidade, e que é vivida como um compromisso habitual.

O medo e a admiração, que impulsionam a auto-regulação dos comportamentos, se movem por dentro, entre os membros da Casa Grande, e também são reforçados pelo fora, como vimos, pelos visitantes⁸⁶ (entre eles os pesquisadores) que objetivam e estancam a realidade translúcida e movente da Fundação para além de seus membros, os fazendo

⁸⁵ Através de um “sistema de deduração” Alemberg está sempre a par de tudo que acontece na Fundação durante a semana.

⁸⁶ Segundo Alemberg, cerca de 3.000 turistas passam, por mês, pela Fundação.

reproduzir as realidades que os de fora imaginam encontrar ali – ao menos enquanto ali estamos. É isso que o não-nativo produz logo que se aproxima de uma comunidade: um aparato de respostas prontas que representam a idéia de um todo. E um *todo* é o que uma comunidade quer dar a impressão de ser.

Do ponto de vista de um forasteiro é perceptível que a Fundação, com o tempo, foi ganhando visibilidade pelo que se tornava e, ao mesmo tempo, era reconhecida e incentivada a ser o que *parecia* ser. Interrogada sobre suas origens, suas finalidades, seus princípios, mesmo que nunca houvesse pensado reflexivamente nessas coisas, passou a fazê-lo e a *inventar* respostas, donde emergiram ordenamentos que se aproximaram dos interesses de alguns membros e se afastaram de outros.

Sim, a instituição é a resultante de diversos significados projetados numa imagem. O fato de, inevitável e espontaneamente, realizar a projeção é o que legitima e inclui alguém como membro, ou, ao contrário, o descarta e exclui, segundo a deliberação advinda de uma “posição de poder”.

Mesmo se a influência que se exerce nunca é redutível a um poder que se impõe, mesmo se a violência simbólica se distingue por definição da coerção física – a primeira começando, em princípio, onde acaba a segunda -, a ação de um espírito sobre o outro é inseparável das posições de poder, institucionais ou informais, ocupadas por um ou pelo outro: líder ou militante, guru ou sequaz, mago ou doente, pai ou filho, presidente da República ou simples cidadão, patrão ou empregado, general ou suboficial. (DEBRAY, 2000, p. 21).

Quando o todo imaginado (esse conjunto de significados projetados numa imagem) passa a se repetir, e dá a impressão de ser maior que a soma das partes, temos uma figuração institucional. Para os inconformados que se encontram com uma “estrutura”, aquilo que foi, e continua sendo, experimentação, tateamento, invenção, sistematização e (re)organização constantes, todo um jogo de afinação ético-corporal, aparece como um modelo a seguir, um sistema onde é preciso funcionar com (n)ele, uma cultura da qual padecem, uma Lei que têm que obedecer.

Supõe-se que ninguém deixe de pensar na dureza da lei. *Dura lex sed lex*. Diversos meios foram inventados, segundo as épocas e as sociedades, a fim de conservar sempre fresca a recordação dessa dureza. Entre nós, o mais simples e recente foi a generalização da escola, gratuita e obrigatória. (CLASTRES, 2003, p. 195).

Para a Fundação há o risco de cristalizar seus funcionamentos em rotinas e deixar um espaço muito esguio para os inconformados se deslocarem, onde só poderão optar entre aceitar ou partir, sob o pretexto de que devem fazer com que a instituição continue funcionando. Nesse sentido, que tipos de sujeitos estão sendo atualizados nessa micro-cultura?

[...] não existe deploração mais emocionante, mais constante e mais pungente do que aquela que opõe a bondade das palavras originais à nocividade das instituições derivadas [...] De onde vem o sentimento de escândalo? Por uma ampla parte, da justificação do estado inicial (ou pressuposto como tal) ao estado terminal da transmissão, com a omissão do que se passa entre esses dois estados e do processo em seu conjunto. (DEBRAY, 2000, p. 45-46).

Seja sob o prisma da ausência de um ritual de passagem para a vida para além da Fundação; seja pelo modo da disciplina que (im)pede a irrupção de racionalidades que problematizem a ordem habitual; seja tomando o medo como questão problemática, no sentido em que acaba por domesticar os inconformados; estamos diante da questão da durabilidade/descartabilidade dos vínculos que se cria, isto é, da “tolerância”, como forma de resguardar aquilo de que não podemos abrir mão, aquilo que não se vende nem se troca. Sob outra perspectiva indagamos sobre a possibilidade de um **envolvimento desobrigado de tristeza**, ou de como constituirmos instituições alegres, fundadas em vínculos duradouros, capazes de fazer com que o agrupamento dê um salto para além do ressentimento. Enfim, resta saber sob quais condições vale a pena sustentar a “dureza da lei”, redobrando a *pena* como motivação interior e sentido de (con)viver.

Acredito que se pode engendrar uma organização com um mínimo de controle e com um máximo de envolvimento genuíno, resultado da *composição* dos poderes de seus membros com os querer institucionais. Ter sido constituído como pesquisador no encontro com a

Fundação Casa Grande - Memorial do Homem Kariri evocou em nós um “pensamento selvagem” que poderia ser caracterizado “pela ausência de burocracia, nenhum germe de poder estatal, nenhuma intermediação reificada, institucionalizada, coisificada entre o indivíduo e o microgrupo”. (BARTHES, 2003, p. 82). Uma cerzidura entre o interesse individual e o institucional, ao ponto em que um justifica e fortalece o outro, numa mistura entre interior (indivíduo) e exterior (instituição).

Nunca, pois, um animal, uma coisa, é separável de suas relações com o mundo: o interior é somente um exterior selecionado; o exterior, um interior projetado; a velocidade ou a lentidão dos metabolismos, das percepções, ações e reações entrelaçam-se para constituir tal indivíduo no mundo. E, em segundo lugar, existe a maneira como essas relações de velocidade e de lentidão são efetuadas conforme as circunstâncias, ou esses poderes de ser afetado, preenchido. (DELEUZE, 2002, p. 130-31).

No livro “A sociedade contra o Estado, no capítulo Da tortura nas sociedades primitivas”, Pierre Clastres argumenta acerca da relação entre a *tortura* nos ritos de passagem das sociedades primitivas, e o *pertencimento* a uma comunidade. Os rituais de iniciação como uma maneira de marcar o ingresso dos jovens na idade adulta são muitas vezes considerados “um eixo essencial, em relação ao qual se ordena, em sua totalidade, a vida social e religiosa da comunidade”, a partir de uma “tríplice aliança”: a lei, a escrita e o corpo.

É, sem qualquer intermediário, o corpo que a sociedade designa como único espaço propício a conter o sinal de um *tempo*, o traço de uma *passagem*, a determinação de um *destino*. (CLASTRES, 2003, p. 198).

Apesar das diferenças que se pode encontrar de uma tribo para outra, de uma região para outra, diferentes técnicas, diferentes meios e objetivos explícitos, segundo Clastres, a meta é sempre a mesma: provocar o sofrimento e deixar uma marca indelével no corpo.

Pode-se pensar que a função do sofrimento nos ritos de passagem de algumas tribos de índios seria apenas aferir a força e a resistência de um membro da tribo, propiciando a oportunidade de demonstração de seu “valor individual”. Não podemos negar que é uma demonstração de coragem pessoal querer e suportar rituais como os dos índios Mandan, que infligem torturas a jovens em completo jejum durante quatro dias, deixando-os por três noites

insones, como testemunhou horrorizado George Catlin: “Um a um, os jovens, já atingidos por quatro dias de completo jejum e por três noites insones, avançaram em direção aos seus carrascos”; ou atravessar dores insuportáveis, como no caso dos Mbayá-Guaykuru do Chaco Paraguai, onde os guerreiros, ao alcançarem idade de admissão, suportam dores insuportáveis, o torturado chegando a desmaiar em silêncio diante dos suplícios a ele infligidos (“Com um afiado osso de jaguar, perfuravam-lhe o pênis e outras partes do corpo”). Entretanto, ainda subsiste algo depois da iniciação, já “esquecido” todo o sofrimento, um “saldo irrevogável”, que é o que a tribo ensina aos jovens através do sofrimento: pela marca que a sociedade imprime no corpo dos jovens ela “proclama com segurança o seu **pertencimento** ao grupo”: “Avaliar a resistência pessoal, significar um pertencimento social: tais são as duas funções evidentes da iniciação como inscrição de marcas sobre o corpo”. (CLASTRES, 2003, p. 202).

Naquele contexto, o ritual de iniciação é uma pedagogia, uma **pedagogia de afirmação**, e não diálogo: “é por isso que os iniciados devem permanecer silenciosos enquanto torturados”! “Uma pedagogia que vai do grupo ao indivíduo, da tribo aos jovens”. Através de sua vitória sobre o sofrimento os jovens consentiram ser membros *integrais* da comunidade, e é esse o segredo que lhes é revelado através da iniciação, é esse o sentido da iniciação através da marca da dor.

Sois um dos nossos. Cada um de vós é semelhante a nós, cada um de vós é semelhante aos outros. Tendes o mesmo nome e não o trocareis. Cada um de vós ocupa entre nós o mesmo espaço e o mesmo lugar: conservá-lo-eis. Nenhum de vós é inferior, nem superior. *E não vos podereis esquecer disso.* As mesmas marcas que deixamos sobre o vosso corpo vos servirão sempre como uma lembrança disso. (CLASTRES, 2003, p. 202, 203).

O fato das sociedades primitivas inscreverem sobre o corpo de seus membros a marca da lei é uma forma de garantir que nunca esqueçam do fundamento da vida social da tribo: a **igualdade**. A lei, neste caso, não é uma lei separada que impõe o poder de alguns sobre todos os demais.

A lei que eles aprendem a conhecer na dor é a lei da sociedade primitiva, que diz a cada um: *Tu não és menos importante nem mais importante do que ninguém*. A lei, inscrita sobre os corpos, afirma a recusa da sociedade primitiva em correr o risco da divisão, o risco de um poder separado dela mesma, *de um poder que lhe escaparia*. A lei primitiva, cruelmente ensinada, é uma proibição à desigualdade de que todos se lembrarão. (CLASTRES, 2003, p. 203).

Apesar do terror que a lei inspirava nos jovens das sociedades primitivas, as marcas que **desejavam** ter, como uma vontade pessoal de cumprir a lei, longe de refletir uma pulsão masoquista significava o desejo de serem *iguais* aos outros iniciados: “Tu não terás o desejo do poder, nem desejarás ser submisso”. Por sua vez, do ponto de vista da tribo, era a forma de conjurar certa lei, uma lei “separada, distante, despótica, a lei do Estado” - é contra essa lei que se coloca a lei primitiva.

Admirável profundidade dos selvagens, que de *antemão* sabiam tudo isso, e procuravam, ao preço de uma terrível crueldade, impedir o surgimento de uma crueldade ainda mais terrível: *a lei escrita sobre o corpo é uma lembrança inesquecível*. (CLASTRES, 2003, p. 204).

À Casa Grande, para os que cresceram nela, cabe bem a metáfora da tribo. As meninas e os meninos da Casa Grande, como disse certa feita dona Violeta Arraes, nunca deixarão de ser meninos e meninas **da** Casa Grande. Mesmo saindo da Fundação eles levarão adiante ainda por um longo tempo (senão pela vida inteira) uma memória corporeificada: ali cresceram, ali se constituíram como indivíduos e foram acolhidos num micro-grupo social que os fizeram ser reconhecidos (entre si, em relação à família, aos cidadãos, e aos estrangeiros). O que tem significado tal nível de vínculo, de indelével marca, para os jovens que hora se iniciam na fase adulta? **Desejam** os jovens as inevitáveis *marcas* do pertencimento? Qual a natureza das marcas que estão sendo deixadas? Quais os fundamentos ético-políticos dos ritos em ação na Fundação? A que serve seus ritos e interditos? O que se transmite através do medo e da admiração presentes ali? Quais modos de funcionamento podem servir como antídoto contra o poder coercitivo, assim como contra o ressentimento? Como passar da espontaneidade da convivência regulada por valores tácitos, para a formalização institucional,

sem colocar a ordem **contra** o indivíduo? Como re-existir e dobrar as forças da impotência? Qual memória está deixando para “seus” jovens membros esse berço cultural privilegiado onde repousam vestígios ancestrais da Nação Kariri? Enfim, como sustentar a ambigüidade da instituição que para se instituir se sucede “contra o indivíduo”, através da interdição e da coerção dos comportamentos pela racionalização do cotidiano; sendo que, como “verdadeiro empreendimento” supõe a **invenção de modelos de ação que integrem os sujeitos**, propiciando a realização dos meios com os quais possam satisfazer suas tendências?

É, isso aí [suspiro] é como o amanhecer do dia, o chegar da noite. A gente sabe que existe, mas não sabe como vai ser. Eu também, eu não tenho essa resposta, né? Porque eu também [...] Eu também, que é essa interrogação eu tô vivendo, né. Assim, eu to esperando pra ver assim o que é, qual o resultado disso, né. [...] Então é uma coisa que talvez eu não esteja nem vivo pra ver o resultado, no que foi que deu isso aqui.

Porque olhe, você imagina assim, você pensar em momentos de sua vida que foi marcante [...] Eu penso na minha, não é dez por cento dos momentos marcantes que esses meninos tão tendo na vida deles, de impacto, coisas que aconteceram com eles. E em mim os momentos marcantes eles foram muito, fortaleceram pra vida de adulto. Eu espero que isso contribua, né? Que esses momentos que a gente vive aqui, que contribua. Tu viu o vídeo da chegada dos instrumentos pra eles aqui? Se tiver a oportunidade, veja, viu? “Quero ver o vídeo do dia que chegou os instrumentos”. Pra você ver! Eu não tava aqui, certo, eu não tava aqui, mas eu me lembro quando eu recebi meu primeiro *Forte Apache* [risos]

Então são coisas que a gente tem procurado aqui na Casa Grande criar um espaço onde eles possam, não é nem manipular, mas é fazer como Zé Geraldo diz, “escrever sua história com suas próprias mãos”. Então é um espaço pra isso. Eu não sei dizer, francamente, onde eu quero chegar, onde é que isso vai chegar. Não sou eu o que vai responder, mesmo assim. É o Tempo. Cada um tem aquela coisa, o eu, o que aconteceu e a leitura que fiz daquilo entre o eu e o que aconteceu, e como aquilo entra dentro de mim, e eu vou usar aquilo de uma forma que vai me beneficiar.

Então tem pessoas que... A Casa Grande ela é uma só, mas cada menino desse é uma Casa Grande. Então tem meninos que talvez isso aqui nem vá influenciar na vida deles. Tem outros que já vai influenciar. Tem uns que influencia de uma forma, tem outros que influencia de outra, cada um vai ter um pedaço do que foi a Casa Grande. Na realidade a Casa Grande vai ser o quê? Vai ser um quebra-cabeça todos esses pedaços. Pegando assim um e outro é que vem mais ou menos ter uma idéia do que foi a Casa Grande, do que foi esse período, as coisas. Todas as coisas são cíclicas mesmo. O Renascentismo, a década de 70. Aquilo nasceu porque era aquela época. Você pode pegar todos aqueles elementos noutra época e não tinha o ambiente pra nascer, né. Então ta tendo o ambiente pra isso aqui, nesse tempo, eu não sei se no futuro a Casa Grande vai ter esse mesmo momento.

O que é que a gente tá procurando? A gente tá procurando criar uma cultura aqui, pra que essa cultura ela seja no futuro, em época de trevas, ela possa conduzir até épocas de luz, porque tem horas que a cultura é o piloto automático, não é isso? A cultura é o piloto automático que conduz a gente

num período onde tudo tá turvo, até chegar o momento que o dia nasce novamente, que a luz do sol nasce novamente.

Vai chegar um ponto... Eu acredito que chegue um ponto aqui, tendo o prosseguimento do projeto e a cultura do projeto, e essa coisa de sentar um menino desse aqui já dessa primeira leva, já velho e arrodado de menino, pra dizer como era Alemberg, tá entendendo?, como era aquela época. Então tá sujeito acontecer isso aí de “eu vivi na época que ele tava aqui na Casa Grande”, até chegar determinado ponto de dizer “não, ele não faria assim num problema desse, ele iria assim”. Enfim, tá sujeito acontecer porque a gente tá aqui, tá ficando um patrimônio aqui, tá ficando um patrimônio. E já vai ser outro tempo, porque os meninos que não conheceram vai tentar reeditar esse tempo, reeditar esse tempo como Elomar reedita a Idade Medieval, uma interpretação do que foi a Idade Medieval. Hoje em dia é só o que existe é a arte reeditando, né? A gente mesmo, a música: o *show A Lenda* é reeditando a música da pré-história, como foi aquela época.

Agora, o que eu acho de interessante pro futuro vai ser assim a permissividade que existiu, que era permissível dentro daquela época da Fundação, essa abertura que nós temos, que não era só aquela coisa trancada, de só aquela cultura nordestina, que vai encontrar, já no passado, aqui os meninos tocando blues, jazz, convivendo todas essas coisas aqui, todo esse leque de coisas convivendo aqui de forma harmônica, sem nenhum ranço cultural, sem nenhum ranço purista, tá compreendendo? Eu acho que isso aí vem a ser assim uma coisa assim, uma abertura já pra eles. (informação verbal⁸⁷).

⁸⁷ Alemberg.



Figura 76 – Ouvindo atrás da parede

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Socorro. **Fundação Casa Grande**: comunicação para a educação. 2002. 76 f. Monografia (Projeto Experimental Curso de Comunicação Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- BARTHES, Roland. **Como viver junto**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BECKETT, Samuel. **Proust**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- CAILLÉ, Alain. **Antropologia do dom**: o terceiro paradigma. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado** – pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- _____. **A fala sagrada**: mitos e cantos sagrados dos índios guarani. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- DEBRAY, Régis. **Transmitir**: o segredo e a força das idéias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade**. São Paulo: Editora 34, 2001.
- _____. **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.
- _____. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997. v.4.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- ESCOBAR, Carlos Henrique de. **Dossiê Deleuze**. Rio de Janeiro: Ólon Editorial, 1991.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1974.
- GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas**: o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

- GELLNER, Ernest. **Antropologia e política: revoluções no bosque sagrado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- HÖLDERLIN, Friedrich. **Reflexões**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- McLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- MELIANI, Marisa. **Rádio Livres: o outro lado da voz do Brasil**. São Paulo, 1995. Disponível em: <<http://intermega.globo.com/radiolivre>>. Acesso em: 14 dez.2002.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**. São Paulo, SP: Cia. Das Letras, 2004.
- NUNES, Márcia Vidal. **Rádios comunitárias: exercício da cidadania ou instrumentalização durante os processos eleitorais (1998-2000)?** 2002. 136 f. Relatório técnico-científico (Pós-doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, Fortaleza.
- OLIVEIRA, Catarina Tereza F. de. **Escuta sonora: educação não-formal, recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias**. 2002. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M.L. de O.; OLIVEIRA, M.G.M. de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2.ed.rev.amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- _____. **Rádio Radical**. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <<http://www.rbc.org.br>>. Acesso em: 12 abr.2004.
- SERPA, Felipe. **Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa**. Salvador: Edufba, 2004.
- VALÉRY, Paul. **Degas Dança Desenho**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2003.
- ZÉ, Tom. **Tropicalista lenta luta**. São Paulo: Publifolha, 2003.

